

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

Ana Clara Miranda/Divulgação



A soprano Georgia Szpilman interpreta o papel-título

A paixão de Domitila cantada no Municipal

A Sala Mário Tavares, anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Rua Almirante Barroso, 14/16, Centro), recebe sexta-feira (30) e domingo (1º de novembro), às 11 horas, a ópera de câmara “Domitila”, do compositor João Guilherme Ripper. Com direção cênica de Isabel Guéron e a soprano Georgia Szpilman no papel-título, o espetáculo promete uma imersão na história de amor proibido en-

tre o Imperador Dom Pedro I e sua grande paixão, Domitila de Castro, a Marquesa de Santos. Baseada nas cartas apaixonadas que o imperador escreveu à sua amante, a ópera reconstrói o último dia de Domitila na corte, quando é forçada a se despedir do amado. Direção musical de Maria Luisa Lundberg, com Nayara Tamarozzi (violoncelo) e Moises Santos (clarinete). Ingressos a partir de R\$ 25.

OPES recebe o MPB4

Nesta quarta (28), às 20h, a Orquestra Petrobras Sinfônica e o MPB4 se encontram no Teatro Riachuelo Rio para a primeira apresentação do projeto MPB4 Sinfônico, álbum que celebra a trajetória de um dos grupos mais importantes da música popular brasileira em diálogo com a sonoridade sinfônica. Sob regência do maestro Felipe Prazeres, o concerto reúne quatro vozes que atravessam gerações e grandes clássicos da MPB que fazem parte da história do MPB4, agora apresentados em arranjos para orquestra. A partir de R\$ 50.

Orquestra e piano

OSB segue no Festival Brahms-Schumann, com Marcelo Lehninger (regência) e Jean Louis Steuerman (piano). Sábado (31), às 17h e domingo (1º), às 11h, na Sala Cecília Meireles. Ingressos a partir de R\$ 20.

Eu recomendo!

O álbum “The Köln Concert”, do pianista americano Keith Jarret, disponível no streaming, para acalmar os corações e preparar o espírito para as emoções dos próximos quatro anos. É tão bom quanto chá de camomila!

Moacir Santos em modo furioso

Continuam as homenagens a Moacir Santos na Casa do Choro (Rua da Carioca 38), na quarta e quinta-feira (28 e 29), sempre às 19h. A Orquestra Furiosa Portátil, com regência de Pedro Aragão, celebra a obra do mestre, com a participação especial de Nailor Proveta (clarinete). Ingressos a partir de R\$ 40.



Mari Dantas/Divulgação

Em sintonia fina com a memória

Ana Zingoni/Divulgação

Autobiografia de Mu Carvalho refaz meio século de música brasileira, d’A Cor do Som às trilhas sonoras

O menino Mu Carvalho queria ser pintor. O piano da mãe e a casa cheia de música decidiram outro rumo. Filho de uma pianista e irmão do baixista Dadi Carvalho, dos Novos Baianos, da pesquisadora de MPB Heloísa Tapajós e do produtor Sérgio Carvalho, ele cresceu ouvindo compositores clássicos e uma família igualmente tomada pela música. Essa trajetória emerge das páginas da autografia “Memórias Sintetizadas”, que o músico acaba de lançar.

Aos 16 anos, Maurício Magalhães de Carvalho — o Mu do nome artístico — estreou no grupo Semente, ao lado de Cláudio Nucci, Cláudio Infante e Zé Luiz. Na segunda metade dos anos 1970, compunha já com a mistura de ritmos brasileiros, jazz e rock progressivo que daria fôlego à carreira. Com Dadi, acompanhou Jorge Ben e Moraes Moreira; da banda de apoio do primeiro álbum solo de Moraes nasceu a A Cor do Som, estreando em 1976. Em 1978, no Festival Choro da TV Bandeirantes, o grupo foi a grande revelação com “Espírito Infantil”, um choro moderno e elétrico com o tempero da jazz fusion. No mesmo ano, Mu tocou com Gilberto Gil no Festival de Jazz de Montreux.

Dadi, que segurou o baixo na banda do irmão, registra no livro a química do conjunto: “Quando formamos A Cor do Som, as composições do Mu foram determinantes para a sonoridade da banda. O encaixe entre ele e o Armandinho, estabelecido pelo gosto em comum por choros, frevos e baiões, contribuiu para a mistura com o rock and roll”. A fórmula sustentou a A Cor do Som por quase meio século — 14 álbuns do grupo e oito solo, num caso raro de formação unida e criativa por tanto tempo.

Em 1990, Mu excursionou com a Legião Urbana, participando do álbum “Música para Acampamentos”. Quatro anos depois, contratado pela Rede Globo, tornou-se

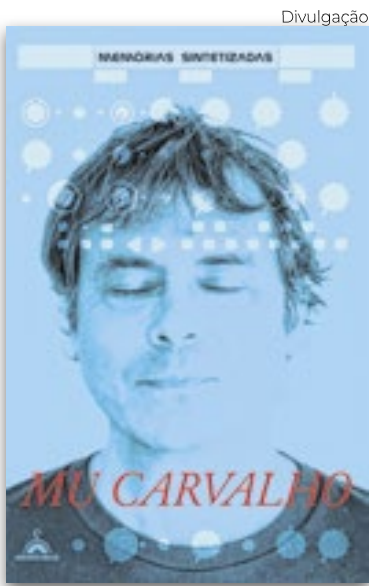


Em ‘Memórias Sintetizadas’, Mu Carvalho discorre sobre a trajetória do menino que sonhou ser pintor ao músico consagrado

clássicos.

O livro tem prefácio de Tuca Oliveira e apresentações de Gilberto Gil, Juarez Fonseca, Dadi Carvalho e Eduardo Bueno. Gil lembra de “um músico com talento natural”, de “absorção do meu estilo”, e destaca “uma doçura e uma quietude que me impressionaram”. Tuca celebra a chance de reler episódios notáveis da MPB “a partir do olhar de alguém que não apenas os testemunhou, mas os viveu intensamente, como protagonista”.

Juarez Fonseca conta que, em dezembro de 2024, enquanto a A Cor do Som se apresentava no Festival Choro Jazz, em Jericoacoara, pensou: “bem que eles mereciam um livro”. O desejo virou papel. E Eduardo Bueno convida o leitor a calçar os blue suede shoes, “confortáveis feito um sapato velho”, e sair da linha por essa yellow brick road. A brincadeira tem fundamento: “Sapato Velho”, de Mu com Cláudio Nucci e Paulinho Tapajós, é um dos maiores sucessos de sua autoria.



Divulgação

autor e produtor de trilhas de inúmeras novelas, séries e filmes — ofício que conviveu sempre com a canção: “Terra do Nunca”, “Semente do Amor” e “Swingue Menina”, com Moraes Moreira, estão entre seus